

Riscos da profissão: percepções dos jornalistas da capital brasileira sobre seu trabalho na pandemia

Professional risks: the Brazilian capital journalists perception on their work during the pandemic

Originales

Bárbara Nogueira Martins^a, Mariella Silva de Oliveira-Costa^b,

^a Programa de Iniciação Científica, Assessoria de Comunicação, Fiocruz Brasília, Brasil

^b Assessoria de Comunicação, Fiocruz Brasília, Brasil

Resumo

Introdução: O jornalismo em saúde teve papel fundamental na pandemia de COVID-19 em todo o mundo. No Brasil, em meio a episódios de desinformação e incerteza científica, o trabalho destes profissionais teve repercussão em sua saúde física e mental. **Objetivo:** Compreender a percepção dos jornalistas da capital do Brasil sobre seu trabalho durante a pandemia de COVID-19. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, com análise de conteúdo de entrevistas *on-line* com jornalistas que trabalharam com pautas sobre COVID-19 durante a pandemia. **Resultados:** As condições de trabalho e vida dos jornalistas na pandemia foram alteradas, com necessidade de mais cautela para explicar, divulgar e atualizar as pessoas sobre a COVID-19. Houve mais volume de trabalho, dificuldades e lentidão para apurar informações. O uso das novas tecnologias para elaboração e edição das pautas também foi mencionado como algo positivo, assim como o *home office*. **Conclusão:** A pandemia alterou a forma de se fazer jornalismo no Brasil, com desafios e oportunidades que devem ser acompanhados pelos trabalhadores, gestores e pesquisadores da comunicação em saúde.

Palavras-chave: comunicação em saúde; jornalismo científico; pandemia; COVID-19; trabalho.

Abstract

Introduction: Health journalism had a key role in the COVID-19 pandemic around the world. In Brazil, the misinformation and scientific uncertainty had an impact on physical and mental health journalists. **Objective:** To understand the perception of journalists in the capital of Brazil about their work during the COVID-19 pandemic. **Methodology:** Qualitative, exploratory and descriptive research, with content analysis of online interviews with journalists who work with topics on COVID-19 during the pandemic. **Results:** The life and working conditions of journalists in the pandemic were changed, with the need for more caution to explain, disseminate and update people about COVID-19. There was more work, difficulties and slowness in gathering information. The home office, the use of new technologies for preparing and editing the news were also mentioned as a positive thing. **Conclusion:** The pandemic changed the way of Brazilian journalism, with challenges and opportunities that must be accompanied by the managers, workers and health communication researchers.

Keywords: health communication; science journalism; pandemia; COVID-19; work.

Introdução

A pandemia da COVID-19 disseminou-se no Brasil, infectando e levando a óbito milhares de pessoas. A taxa de mortalidade do vírus no país foi uma das mais elevadas no mundo, e em março de 2023, chegou a 700 mil óbitos (Brasil, 2023).

A COVID-19 teve repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos, evidenciada pelo alcance que teve e pela rapidez com a qual se disseminou o vírus. O número de infectados e que vieram a óbito impacta os sistemas de saúde. Há que se considerar também a exposição de populações e grupos vulneráveis e, conseqüentemente, a saúde biopsicossocial dos indivíduos no momento de isolamento social, bem como o medo de adquirir a doença.

Entre os comunicadores, os jornalistas foram uma das categorias profissionais mais expostas na pandemia, por causa das condições que envolvem a sua função laboral. Os desafios se assemelharam aos de coberturas em zonas de conflito, nas quais os jornalistas se arriscam para estar em áreas de risco e narrar os fatos em meio à contaminação (Ferrareto & Morgado, 2020, p.16). O resultado foi um número de óbitos significativo com 314 profissionais mortos por COVID-19, entre abril de 2020 a fevereiro de 2022 (Federação Nacional dos Jornalistas[FENAJ], 2022).

Problemas financeiros, precarização no trabalho, aumento do ritmo das atividades e das horas trabalhadas foram parte da crise para a comunicação durante a pandemia, com demissões, corte salarial, doenças físicas e mentais e incertezas sobre o futuro da profissão (Figaro et al., 2021). Um jornalista que atue na área de ciência e saúde não pode ser só um repetidor de informação, mas criticar e avaliar o que se publica, com jornalismo científico de qualidade (Oliveira, 2014, p.35).

Sabe-se que, com a COVID-19, jornalistas de outras áreas, que não a científica, tiveram que se apropriar às pressas de informações sanitárias para bem noticiá-las, em meio à incerteza entre a própria comunidade científica. Este estudo analisa a percepção dos jornalistas da capital do Brasil, Brasília, sobre seu trabalho durante a pandemia, com descrição do processo de trabalho, desafios e possibilidades durante uma crise sanitária.

Comunicar saúde

A comunicação em saúde pressupõe compreender as pessoas e suas demandas, e deve ser fundamentada em evidências científicas, com uso de novas metodologias

que possam abranger a todos e na promoção da saúde com envolvimento constante das instituições, sem focar apenas nos veículos de comunicação tradicionais (Schiavo, 2013).

Ela é fundamental para o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro e para comunicar as atividades que possam melhorar a saúde das pessoas. Assim, as atribuições das assessorias de comunicação das instituições de saúde devem considerar as condições de seu espaço físico e as características dos comunicadores, e planejar ações que solucionem as queixas da população (Nardi, Soares, Mendonça & Sousa, 2018).

Por serem complexos e imbricados os processos de determinação de uma doença e os processos de comunicação é interessante indagar sobre noções como população-alvo, causa e fator de risco da epidemiologia, transformadas em hipóteses para o planejamento e avaliação de relações lineares emissor-receptor. (Pitta, 1995, p. 244).

Na saúde e na comunicação, o foco nem sempre é voltado ao sujeito, ainda que existam exceções. Seja nas instâncias governamentais, institucionais e mídias, o público nem sempre é sujeito da comunicação e também não é inserido como ator dos seus conhecimentos. Essa comunicação acaba sendo mais voltada para as instâncias de poder. (Xavier, 2006).

Para desenvolver parcerias importantes na comunicação em saúde é preciso estabelecer conexões de pesquisa com outros estudiosos de disciplinas relacionadas, como: saúde pública; educação em saúde; epidemiologia; ciências sociais e profissionais da saúde. Kreps & Maibach (2008) defendem as oportunidades que podem surgir de colaborações entre a comunicação em saúde e os estudiosos da saúde pública, citando áreas de especialização complementares, com fundamentação teórica, orientação metodológica e estratégias de intervenção.

Há dificuldade no papel multifacetado que a comunicação desempenha nos cuidados e na promoção da saúde. Aumentar o conhecimento sobre as influências da comunicação nos resultados de saúde e direcionar esse conhecimento para auxiliar os pacientes do sistema de saúde a usar a comunicação estrategicamente para atingir seus objetivos de saúde é importante (Kreps, Bonaguro & Query Jr, 2003).

Nessa perspectiva, é fundamental criar novas estratégias que sejam eficazes na divulgação do conhecimento na comunicação em saúde, para que os usuários possam utilizar essas informações e acessar

os cuidados necessários em saúde, além de orientar a tomada de decisões relacionadas a promover a saúde e o bem-estar (Kreps, 2012).

COVID-19 e jornalismo

A cobertura jornalística sobre saúde oferece “descobertas científicas, inovações tecnológicas, novos métodos de tratamento, orientação e aconselhamento para superar situações negativas relacionadas à saúde e à doença” (Oliveira, 2013, p.02). Durante a pandemia, o jornalismo precisou inovar e se adequar às novas vivências e ao caos, para levar informação verídica para todos e não somente para determinados grupos (Oliveira & Galdine, 2020).

Devido ao grande efeito na saúde das pessoas, nas estruturas hospitalares de atendimento aos pacientes e em várias áreas da vida social, a COVID-19 ocupou um lugar singular nos veículos de comunicação e no cotidiano de quem atua na linha de frente da informação. A cobertura jornalística na saúde foi sendo reforçada e modificada, para dar conta das dificuldades e incertezas (Oliveira & Galdine, 2020).

Duas questões se relacionam nesse contexto de pandemia:

Os fatores de risco e os de promoção da saúde, que, por sua vez se desdobram em variáveis de segurança/insegurança envolvendo questões epidemiológicas, doenças, formas de tratamento, modos de viver, procedimentos de assistência, cura ou métodos comportamentais voltados para uma vida saudável. Partindo desse conjunto de questões, a mídia jornalística pauta e ordena suas narrativas em torno do que julga ser o imaginário contemporâneo da saúde destacando os fatores de risco e as variáveis que interpreta como problemas e ameaças que impedem ou dificultam a saúde individual e coletiva. (Oliveira, 2013, p.02).

Para realizar as coberturas jornalísticas em meio ao distanciamento social, o jornalismo precisou inovar e se adequar às novas vivências e ao caos, produzindo informação para todos e não somente para determinados grupos (Oliveira & Galdine, 2020). Sem a imprensa não existiriam, por exemplo, as coletivas para apresentar as informações governamentais e científicas e que possibilitaram questionamentos e esclarecimentos dos jornalistas em tempo real para a sociedade (Spink et al., 2021).

Conforme o vírus se disseminava, as notícias com relação à pandemia eram mostradas por vários canais

de comunicação (Mheidly & Fares, 2020). Assim, o jornalismo passava por grandes desafios na sua rotina de trabalho, na busca das informações fidedignas em meio à incerteza do novo coronavírus, mudanças nas produções de conteúdo, combate às *fakes news* devido à desinformação e situações atreladas ao contexto biopsicossocial, com risco de contaminação e milhares de óbitos (Lopes, Santos, Peixinho, Magalhães & Araújo, 2021). Nesse sentido, é notório que a pandemia trouxe consequências para os jornalistas, devido às condições de trabalho vivenciadas nesse cenário crítico.

Esses profissionais atuaram na linha de frente desde o início e colocaram em risco a segurança pessoal e coletiva, devido à alta transmissão do vírus naquele período, e em relação à precarização do trabalho por parte de algumas empresas, com aumento das atividades propostas e das horas trabalhadas.

Uma revisão sistemática e de metanálise, observou que 26,3% dos profissionais da saúde apresentaram depressão e 29,0%, ansiedade (Salazar de Pablo et al., 2020). Resultado similar foi encontrado em outro estudo, com uma taxa de depressão de 22,1%, e prevalência pontual de 21,6% para ansiedade (Osmann, Selva & Feinstein, 2021).

Um estudo da Federação Internacional de Jornalistas, com participação de 1.308 jornalistas de 77 países e territórios, constatou que, dos 289 jornalistas que atuavam no Brasil durante a pandemia e responderam à pesquisa, 53,08% eram empregados e 46,92%, autônomos. Do total, 61,25% relataram aumento de ansiedade e estresse (Federação Nacional dos Jornalistas [FENAJ], 2020).

Os 3.930 jornalistas que trabalhavam com carteira assinada, registrados em 16 sindicatos, tiveram seu salário diminuído e aumento da jornada de trabalho na pandemia, com suspensão de contrato de outros 81 jornalistas, e demissão de 205. (Tabai, Santos, & Coqueiro, 2022). Eles sofreram com o risco de contaminação, visto que em vários momentos estavam em contato direto com pessoas infectadas, e, além disso, com risco de desenvolvimento de doenças psicológicas, porque noticiavam diretamente os impactos da pandemia para o público, com uma grande tensão para informar (Perreault & Perreault, 2021).

Outro estudo com profissionais do interior do estado do Ceará, na região nordeste do Brasil, também observou aumento da pressão no trabalho para 82,6% dos jornalistas consultados, o que pode estar atrelado ao

fluxo de informações intensificado durante a pandemia (Cajazeira & Souza, 2022).

Observou-se dedicação e esforço diante um contexto desafiador e complicado para auxiliar a sociedade no direito à informação, e empenho para entregar as notícias em tempo real (Casero-Ripollés, 2021). Ressalta-se também a necessidade de o jornalismo atuar alinhado à ciência, principalmente nesse contexto de pandemia, com diversas variantes surgindo a todo momento (Oliveira & Galdine, 2020).

Outro estudo brasileiro observou que, com a pandemia, houve um crescimento do espaço e da importância dos canais de comunicação da ciência e saúde, o que fez com que estes profissionais buscassem por novos conhecimentos e qualificação profissional (Massarani, Neves & Silva, 2022). Em meio às dificuldades para comunicar os temas relacionados à COVID-19, foi possível destacar ainda a atuação do jornalismo no combate à circulação de informações falsas em saúde, mentiras conhecidas como *fakes news* (Gurgel et al., 2020).

News-making e gatekeeping

As notícias são o resultado das escolhas realizadas pelo editor do jornal e sua linha editorial, que controla o fluxo de informações (Vizeu, 2014), em caráter subjetivo e arbitrário, como produto das pessoas e seus propósitos (Traquina, 2005). As Teorias do Jornalismo podem auxiliar a entender como as notícias e estruturas jornalísticas são, sua criação e produção (Siqueira & Monteiro, 2020). Se, por um lado, a seleção das informações é feita com base em opiniões pessoais ou editoriais (*gatekeeper*), por outro lado, leva em conta o processo de produção das notícias em “rigorosa rotina industrial determinada pelos veículos de comunicação por causa da quantidade excessiva de fatos presentes no cotidiano” (Cantanhede & Zanforlin, 2020).

O Jornalismo pode ser entendido como um *gatekeeper* importante da informação.

Sempre que um editor ou um repórter – por incompetência, arrogância, interesse pessoal, ambição de poder, irresponsabilidade profissional, subalternidade a quem o controla ou qualquer outro motivo – priva o leitor da notícia correta e plena, trai o principal e mais belo dos compromissos que tem com a construção e o aperfeiçoamento de uma sociedade livre: assegurar a ‘todo indivíduo’ o direito de ser informado (Chaparro, 2007, p. 82).

As notícias apresentadas na imprensa estabelecem o que as pessoas vão pautar sobre um assunto específico, e não sobre outros (Hohlfeldt, 2008), como foi o caso da pandemia. A indispensabilidade de informar e obter conhecimentos sobre a COVID-19 provocou a amplificação da busca por notícias, nos canais de comunicação convencionais e também na internet e redes sociais, mostrando o seu valor para a sociedade.

A forma como a COVID-19 ganhou a mídia pode ser relacionada a alguns dos conceitos de Maxwell McCombs & Donald Shaw (1972) apud Hohlfeldt (2008), tais como a acumulação (competência que a mídia tem para dar importância a um conteúdo específico, ou seja, vários eventos cotidianos que vão ser revertidos em notícias, resultando em informação), consonância (mesmo tendo suas peculiaridades, os meios de comunicação apresentam características semelhantes na exposição dos acontecimentos que serão notícia), onipresença (um acontecimento que, transformado em notícia, vai além dos cenários tradicionalmente a ele determinados e ultrapassa os limites editoriais pré-estabelecidos), relevância (um determinado acontecimento, que acaba sendo divulgado por todos os canais de comunicação, independente do foco, possui grande evidência), tematização (prender a atenção do público em um determinado assunto), saliência (reconhecimento atribuído a quem recebe uma notícia específica).

O jornalismo constitui um campo social “que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônomo, muito sujeito a pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos” (Bourdieu, 1997, p.77 apud Carvalho, 2017). Os jornalistas trabalham na construção da realidade social e nas categorias das produções representativas. “Não há discurso (análise científica, manifesto político, etc.) nem ação (manifestação, greve, etc.) que, para ter acesso ao debate público, não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística” (Bourdieu, 1997, p.77 apud Carvalho, 2017).

A cultura profissional do jornalista, a organização na qual está incluído e seus processos produtivos são aspectos que devem ser considerados, pois as condições de trabalho e vida podem afetar a produção das notícias (Siqueira & Monteiro, 2020).

Antes da pandemia já se observou que o trabalho do jornalista afetava seu estado de saúde de forma negativa, devido ao estresse, trabalho em finais de semana,

consumo de álcool, sedentarismo e cansaço excessivo (Killesse & Machado, 2009), bem como a necessidade de pesquisas e investimento na formação da promoção da saúde e qualidade de vida dos jornalistas (Penteado & Gastaldello, 2016). As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia também já foram alvo de investigação anterior (Figaro, 2019). Não foi encontrada, porém, pesquisa específica com jornalistas da capital do Brasil onde há sucursais dos principais veículos de comunicação do país, lacuna que faz parte das motivações para elaboração do presente estudo.

Métodos

A pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com jornalistas de Brasília, capital do Brasil, maiores de 18 anos, que aceitaram participar da pesquisa e realizaram pelo menos uma cobertura jornalística no país durante a epidemia de COVID-19, em quaisquer meios, sejam eles agências de notícias, internet, rádio, televisão, revista, jornal impresso ou assessoria de comunicação.

As entrevistas foram realizadas *on-line*, no fim de 2021, devido à necessidade de distanciamento social. O roteiro de entrevista em profundidade continha questões que englobavam suas rotinas de produção e conhecimento em relação à COVID-19 e a cobertura jornalística sobre a pandemia. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para leitura e assinatura, em que estão descritos os objetivos da pesquisa, contatos das pesquisadoras, riscos mínimos e benefícios da participação, bem como a garantia de anonimização dos dados e sigilo quanto à participação. A transcrição foi realizada por meio de software e revisada para categorização do material para posterior análise de conteúdo (Bardin, 2011), conforme os seguintes temas:

1. A novidade do tema da COVID-19 para o trabalho dos jornalistas, seus principais desafios, dificuldades e facilidades encontrados na produção dos conteúdos sobre essa temática;
2. As mudanças nas condições de trabalho dos jornalistas na pandemia e alterações implementadas na rotina de trabalho e percebidas por eles;
3. Especificidades na abordagem sobre COVID-19 e possível tratamento especial do tema nas apurações;

4. Opinião sobre a cobertura da imprensa na pandemia da COVID-19, se foi positiva, negativa ou neutra em relação à qualidade jornalística;

5. Riscos que a pandemia trouxe para o trabalho e ameaças para a sua saúde e a vida;

6. Lições da pandemia para o jornalismo nacional e exemplos dessa aprendizagem;

7. Fiocruz e imprensa, com avaliação da comunicação de um dos principais órgãos do governo federal na pandemia

O material foi utilizado apenas para fins de pesquisa, sendo adotados procedimentos que garantam o anonimato, com a supressão de qualquer citação que possa identificar o informante. Os dados serão arquivados pela pesquisadora principal por até cinco anos, seguido de sua destruição. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Fiocruz Brasília, registrada sob o número 36016720.1.0000.8027 na Plataforma Brasil.

Resultados e discussão

De 33 jornalistas do DF contatados, 12 aceitaram participar da entrevista *on-line*. O contato foi feito via e-mail, sendo realizadas até quatro tentativas de marcação de agenda. Entre os entrevistados, nove são mulheres e três homens, sendo que seis têm entre 30 a 39 anos, dois 20 a 29 anos, outros dois na faixa de 60 a 69 anos, um deles de 40 a 49 anos e outro na faixa de 50 a 59 anos. Todos são formados em jornalismo e apenas um tem formação específica na área da saúde. Dos entrevistados, sete são repórteres, um, repórter e editor, quatro são editores, e um é produtor e editor. Com relação ao local de trabalho principal, nove atuam em veículos *on-line* (dentre esses, três também no impresso), um na internet e também na TV, dois na TV e no rádio e um é assessor de comunicação. Os nomes das empresas de comunicação foram omitidos para garantir o anonimato dos participantes.

A tabela 1 apresenta as categorias que surgiram durante a leitura fluente da transcrição das entrevistas. Foram escolhidos os temas que se repetiam com frequência para análise temática dos dados. Além disso, a recorrência foi contabilizada não só na categoria correspondente, visto que nas falas dos entrevistados poderiam conter informações relevantes para incluir em outra categoria.

A categoria mais frequente e recorrente refere-se às mudanças nas condições de trabalho. Para além das modificações causadas pela pandemia, os jornalistas lidaram com diversas alterações como a precarização,

ampliação do ritmo da atividade e aumento das horas trabalhadas.

O desconhecimento do tema tanto por parte dos profissionais e da comunidade científica foi um desafio que gerou um interesse especial na sociedade e no

comportamento das empresas de comunicação social, visto que as mudanças nas rotinas de produção das notícias fizeram os jornalistas se adaptarem a esse novo contexto e buscarem mais informações sobre a COVID-19, para adequar as informações e produzir os conteúdos.

Tabela 1. Frequência das categorias para organização dos discursos dos jornalistas.

Categoria	Frequência	Recorrência
A novidade do tema da COVID-19 para o trabalho dos jornalistas.	5	3
As mudanças nas condições de trabalho dos jornalistas na pandemia.	12	6
Abordagem específica sobre COVID-19.	12	0
Opinião sobre a cobertura da imprensa brasileira.	12	1
Riscos que a pandemia trouxe para o trabalho.	12	4
Lições da pandemia para o jornalismo.	12	0
Fiocruz e imprensa.	12	1

Fonte: autoria própria (2022).

As redações tiveram que se ajustar e o revezamento dos profissionais foi uma possibilidade encontrada para evitar aglomerações, como é evidenciado na fala do entrevistado número 7.

Como eu estava na parte da reportagem era diferente, até porque eu trabalhei nesse período de março a outubro, uma parte em *home office*, uma parte na redação, os plantões eram na redação. É, ou seja, presenciais, e a gente tinha uma escala de trabalho presencial que eram três semanas em casa e uma semana no presencial, então nessa parte ou às vezes também durante esse período de trabalho em *home office*, a gente às vezes tivesse alguma coisa importante para cobrir, eles podiam chamar para fazer alguma pauta na rua mesmo.

As notícias desempenham um papel exigente na rotina industrial delimitada pelos canais de comunicação devido à grande parcela de acontecimentos do nosso cotidiano. É imprescindível a organização do trabalho jornalístico para aumentar a produtividade (Cantanhede & Zanforlin, 2020).

Dos 12 entrevistados, 10 declararam terem sofrido algum tipo de alteração na rotina de trabalho, como a adoção do regime de *home office* e algumas instituições se reinventaram para garantir a segurança de seus profissionais. Não todas, como retratado pelo entrevistado 5:

O *home office* no caso da minha emissora não foi uma medida de manter cuidados sanitários, foi uma medida de cuidado econômico, a partir do momento em que foi possível verificar que você continua trabalhando em casa até hoje, continuo trabalhando em casa, o escritório foi fechado e era uma sala alugada, foi devolvida.

Além disso, vale destacar que dois entrevistados não puderam optar pelo *home office* no início da pandemia, enfrentando o risco de serem contaminados pelo vírus, e contaminarem seus familiares, conforme comenta o entrevistado 4:

Já tinha outros funcionários infectados antes, inclusive internados na UTI, a gente ainda não estava seguindo medidas de isolamento só depois que esses apresentadores famosos tiveram COVID, que foi um escândalo e assim 1/3 da redação ficou doente, aí a gente começou a ter álcool gel, começou a ter distanciamento nos computadores, pular cadeira nos computadores, e quem realmente não precisava ficar na redação eles mandaram para casa, então, grande maioria das pessoas ficou trabalhando de casa, pessoal que mexe no site, e só quem precisava estar presencialmente mesmo que continuou, e presencialmente eles também liberaram o uso do Uber para todo mundo, para a gente não pegar

metrô, nem ônibus. Então todo mundo por um certo período podia usar o Uber para ir direto para casa, aí demorou um pouco, mas só que no fim do ano passado, começo desse ano, a gente também começou a ter essa orientação, se você chegar no lugar e não estivesse sentindo seguro, você avisa para gente ver o que faz então.

Os jornalistas precisaram manusear novas ferramentas de comunicação *on-line* e inovar na coleta e manutenção de informações digitais. Os vínculos no trabalho também passaram por mudanças, como o uso do espaço *on-line* para as reuniões e entrevistas. Nessa perspectiva, o teletrabalho representa a “plataformização do trabalho, entendida como a crescente dependência de plataformas digitais para conseguir ou se manter em uma atividade de trabalho” (Grohmann, 2020, p.110). Os profissionais incorporaram à rotina novos aplicativos e software, demandando tempo e esforço na sua formação, fora do seu ambiente de trabalho. “Esse tempo de aprendizagem, que não é reconhecido como trabalho, se torna mais um elemento de intensificação do labor na pandemia” (Figaro et. al 2021, p. 285). Os 12 entrevistados afirmaram que o ritmo de trabalho ficou mais intenso e receberam pressão para a divulgação de informações.

Com a não locomoção para o local de trabalho, em tese, havia um tempo livre destinado a atividades pessoais. Entretanto, dificuldades para administrar a rotina laboral e a vida doméstica desencadearam uma jornada de trabalho constante para permanecerem produtivos, alinhado com o medo da demissão ou diminuição dos salários, conforme comentário do entrevistado 1:

É bem no começo em março, eu estava de férias quando voltei em abril, não me colocaram para *home office* apesar de eu sentir a necessidade que eu tinha que ficar em *home office*. Enfim, o trabalho podia ser feito de casa, mas eles não colocaram. O que eles fizeram foi ter aproveitado os contratos de 50% de redução e durante seis meses foi reduzido em 50% do salário. Do meu e de todos os funcionários que não foram demitidos o restante foi cortado em 50%, e aí como a jornada de jornalista é cinco horas diárias, ficou como se eu trabalhasse dois dias só na semana e aí como estava cortado 50% o resto dos dias eu não ia, aí eu ficava segunda, terça, e o horário específico e na quarta quinta e sexta eu não ia durante seis meses. Estava cortado 50%.

Diversos jornalistas tiveram que enfrentar o medo de serem contaminados pelo novo coronavírus, e possíveis sequelas, bem como o risco do próprio óbito, e impasses ocasionados pelo *home office* e o distanciamento social, que podem ter afetado a sua saúde, tanto física e mental (Figaro et al., 2021). Os riscos relatados nesta

pesquisa com os profissionais do Distrito Federal foram relacionados ao desgaste físico e emocional, gerando consequências associadas a saúde mental, como: depressão, ansiedade, pânico, insônia e síndrome de burnout, não só pelo estresse da profissão, mas também, pelo impacto da pandemia em suas vidas.

Em palestra da professora da Universidade de Washington, Jessica Gold, sobre jornalismo e saúde mental, ela compara o trabalho dos jornalistas ao dos psicólogos, pois ambas as escutas, a do psicoterapeuta em uma consulta e a dos jornalistas na apuração com o entrevistado, se assemelham.

Porém, os jornalistas fazem isso muitas vezes ao vivo, sem estarem preparados para lidar com situações limite. 'Não é normal para pessoas falarem de pessoas que morreram, sobre coisas realmente duras que aconteceram com elas, sobre guerra, e não é normal para você apenas ouvir aquilo repetidamente e não demonstrar uma reação. Mas, depois do trabalho, você precisa processar aquilo, porque se não o fizer, isso vai começar a corroer você', afirmou. (Nicoletti, 2020, p. 01).

Ainda sobre a rotina produtiva, o entrevistado 9 menciona que o sistema híbrido facilitou o trabalho e o distanciamento social preservou a sua saúde. A mudança forçou a adaptação e mostrou o quanto essa alternativa de serviço pode contribuir para o funcionário e para a instituição.

A possibilidade de poder ficar em casa alguns dias me deu uma segurança tanto em relação à doença, tanto em relação a minha saúde mental. Porque eu já fazia acompanhamento psiquiátrico antes e durante a pandemia, por mais que tenha ficado comum casos de problemas psiquiátricos com a maioria das pessoas eu não senti um impacto tão grande, mas esse impacto não foi tão grande para mim especificamente, porque eu tinha a possibilidade de alguns momentos ficar em casa. (Entrevistado 9).

Os jornalistas precisaram ter mais cautela para explicar, divulgar e atualizar os conhecimentos sobre a COVID-19. Houve mais volume de trabalho, dificuldades e lentidão para conseguir realizar o levantamento de informações, visto que muitas vezes eram segmentadas, e o profissional ficava à disposição grande parte do tempo, interligado a vários canais de comunicação como: redes sociais, e-mails e outros softwares de comunicação remoto (Figaro et al., 2021).

Os temas mais abordados nas matérias jornalísticas, produzidas pelos entrevistados sobre COVID-19 foram: manifestações da população, *fake news*, orientações de cuidado para evitar a transmissão do vírus, histórias

de profissionais que atuavam na linha de frente, vacinas, impactos na economia, ações do Ministério da Saúde, e alguns mencionaram que não houve tratamento específico sobre determinado tema, visto que com o passar do tempo e o avanço da pandemia o contexto era modificado. Nesse sentido, o trabalho dos jornalistas na pandemia foi mais difícil que o normal também devido ao negacionismo da doença e do contexto político, exigindo um cuidado maior ainda para checagem dos acontecimentos.

A imprensa divulgou mais notícias sobre a COVID-19, e menos sobre outras patologias, devido à novidade do tema. Comumente, epidemias chamam mais atenção por causa dos efeitos gerados na sociedade e o risco de óbito.

Com a COVID-19, a produção jornalística apresentou um crescimento muito significativo. Embora o distanciamento entre pessoas para evitar o contágio fosse um procedimento secular, a ocorrência, pela primeira vez, de uma quarentena de proporções globais foi um fator decisivo para diferenciar o noticiário sobre essa síndrome respiratória. (Ferraz, 2020, p.275).

Nessa perspectiva, o conceito de acumulação relatado por Hohlfeldt (2001) explica como a mídia deu importância à COVID-19, destacando os diversos acontecimentos diariamente, e transformando-os em informações. O conceito da onipresença também foi identificado, pois a temática da COVID-19 ultrapassou as fronteiras das editorias de saúde e ciência, ocupando espaços nas notícias e reportagens de economia, geopolítica, cultura, esportes, por exemplo, cada setor com sua abordagem específica.

De forma geral, os entrevistados afirmaram que a cobertura da imprensa brasileira cumpriu com o seu papel e chamou atenção para o tema com compromisso de informar a sociedade. Houve críticas com relação à divulgação no início da pandemia, devido à novidade do tema, à desinformação atreladas às *fakenews*, conforme explicado pelo entrevistado 5:

Eu acho que a imprensa foi heroica. Ela demorou um pouco, mas ela tomou a rédea quando ela percebeu que ela não podia contar única e exclusivamente com as a vamos dizer assim, as fontes oficiais para divulgar o que era importante divulgar para a população, eu acho que ela demorou. Eu acho que ela no início ficou meio desconfiada, 'será que essas autoridades que são de saúde estão dizendo isso mesmo, sabe? Quando ela percebeu que isso era o negacionismo, que a desinformação, que o propósito era desvirtuar, quando a imprensa percebe isso, ela faz um trabalho brilhante ainda que eu já tenha ouvido de algumas pessoas, não jornalistas, óbvio, dizendo

que nós fomos alarmistas, que é um pouco de exagero. (...)Mas os veículos sérios em nenhum momento foram sensacionalistas.

Nesse contexto, notícias falsas juntam-se a informações rasas, sem contexto e apelativas em busca de audiência, principalmente nas redes sociais, aumentando o público que embasa essas informações de maneira errada, espalhando boatos e desvalorizando alertas de autoridades sanitárias (Sousa, Costa, Capoano & Paganotti, 2020).

Nota-se que isso ficou evidente na fala do entrevistado dois:

Tinha uma intenção de desmentir *fake news* assim, de alguma maneira então por exemplo, teve uma época em que existia muita fala do presidente, de apoiadores deles, que estavam mentindo número de mortes que o número de mortes real era menor do que o que estava sendo dito e aí então assim, eu tive um pedido explícito de fazer uma matéria explicando porque que isso era mentira.

O maior legado dos meios de comunicação e dos jornalistas é a fidedignidade. Essa confiabilidade está relacionada à verdade observada a partir de evidências palpáveis (Bucci, 2000). Na década de 1690, o alemão Tobias Peucer, na primeira tese de doutorado sobre Jornalismo, indicava a necessidade de os conteúdos jornalísticos terem veracidade, para que fossem aprovados pela sociedade (Oliveira & Galdine, 2020).

O reconhecimento da ciência, a especialização do jornalismo científico, a oportunidade de trabalhar com o tema saúde, a resiliência, e adaptação ao novo contexto são parte das lições relatadas pelos jornalistas, como expressa o entrevistado 3:

A principal lição, é o respeito que a gente tem que ter pela atividade científica, pela pesquisa científica, como é importante a gente conhecer sobre ciência, ficar atento ao que a ciência está mostrando. E a pandemia, ela veio reforçar uma outra preocupação minha, que é com a saúde pública, como é importante o cuidado com a saúde pública, o respeito aos serviços de saúde, ao SUS. É enfim, e como é importante também o respeito à democracia. É a democracia, a livre informação, mas a livre informação guiada pelo respeito a saúde pública, acho que isso tudo, ficou bastante nítido para mim, com a pandemia.

A COVID-19 proporcionou comunicar saúde e ciência, e o jornalismo científico obteve um espaço prioritário na imprensa, que não seria possível sem a conexão entre jornalistas e cientistas (Piñon, 2021). Nesse contexto, o entrevistado 5 relatou que:

As pessoas têm dificuldade em compreender a ciência em si, e aí você tem que aprender a ter paciência para

explicar, você tem que aprender a escrever de maneira simples e correta, então por exemplo eu fiz muito mídia training com o estatístico coordenador da plataforma, para ele poder dar as entrevistas, então, o nosso maior objetivo era do ponto de vista estatístico que a gente está dizendo, qual é a forma correta e simples de dizer, então uso da linguagem, o uso da linguagem é fundamental, então, assim que tipo de linguagem a gente está empregando.

Ficou evidente ainda a importância das instituições de pesquisa para divulgação científica. De acordo com os 12 entrevistados, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) auxiliou o trabalho dos jornalistas e forneceu conteúdo para informar a sociedade, através de seu site e redes sociais, com temas voltados para pesquisas, recomendações sanitárias, atendimento à população, assumindo o papel na colaboração internacional de ensaios clínicos e produção de vacinas contra o vírus.

A coleta de dados desta categoria poderia ser uma limitação de pesquisa, pelo fato de ser conduzida por pesquisadores da instituição, e isso talvez constranger as críticas, porém, elas apareceram conforme relatou o entrevistado 5:

O mecanismo de busca dentro do site da Fiocruz é muito ruim (...). O foco ainda é muito comunicação de ciência para cientistas ou para 'entendidos' vamos dizer assim, então quando você chega lá no portal, quando você vai com a questão do boletim epidemiológico, tudo bem você vai receber todos, mas a população não sabe o que é boletim epidemiológico, eu vou por outros tipos de palavras, eu uso palavras mais comuns, entendeu, tipo de casos, qual é a situação no país, não vou usar questões como, 'curva epidemiológica', 'incidência', não são essas palavras que eu vou usar entendeu?

A ciência deve ser inserida no cotidiano da sociedade. É fundamental que as ações sociais, políticas e institucionais não fiquem separadas e que a divulgação das informações possibilite uma cultura da divulgação científica acessível a todos (Lordêlo & Porto, 2012). Comunicar saúde não se resume à transmissão de informações. A imprensa deve aproximar cientistas e população, então o trabalho das assessorias de comunicação das instituições em saúde é fundamental para construir pontes entre a ciência e o dia a dia das pessoas (Oliveira-Costa, Fernandes & Vasconcelos, 2022).

Considerações finais

O trabalho de jornalistas da capital do Brasil na pandemia foi marcado por transformações na sua rotina pessoal e de trabalho, desde adoção do regime *home office* e a intensificação das atividades propostas devido

à velocidade de informações que circularam para a divulgação de notícias sobre COVID-19. A redução salarial e problemas de saúde biopsicossocial, afetada pelo excesso trabalho e pelo efeito da pandemia também foram citados pelos jornalistas participantes desta pesquisa.

A novidade de se cobrir o tema COVID-19 foi desafiadora visto que todos precisaram aprimorar seu trabalho e buscar o conhecimento científico para informar a sociedade de forma adequada, mesmo aqueles que não tinham nenhuma formação específica em saúde. Além disso, a necessidade de dominar o uso de novas tecnologias digitais no trabalho alterou a produção e a apresentação de reportagens, dando uma outra aparência ao jornalismo, com gravações realizadas a partir de software de vídeos ou smartphones, sem nenhum contato com as fontes presencialmente para a apuração. Cabe ressaltar como essa distância entre jornalista e pesquisador, sem apuração diretamente com a fonte, empobrece o jornalismo, pois não possibilita o diálogo presencial e face a face entre repórter e pesquisador no momento da entrevista. Entretanto, tem se observado que há repórteres que fizeram da exceção uma regra e, mesmo com o fim do distanciamento social e da obrigatoriedade do uso de máscaras em espaços públicos, ao invés de buscarem a apuração in loco, ainda hoje solicitam às assessorias de imprensa das instituições de pesquisa que gravem falas ou respostas dos pesquisadores para inserção em seus veículos e, por vezes, sem qualquer contato entre repórter e pesquisador.

Outro ponto que cabe destacar foi o papel das informações falsas em saúde que afetaram o trabalho dos comunicadores entrevistados. Neste sentido, o jornalismo teve a oportunidade de apresentar a sua importância e auxiliar para que a informação de qualidade, bem apurada, checada, baseando-se em diferentes fontes de informação chegasse de forma concisa e objetiva para o público.

O jornalismo de qualidade é essencial, assim como profissionais preparados para levar o conhecimento científico para a sociedade, principalmente em emergências. Esta pesquisa apresenta um recorte a partir das percepções de jornalistas brasileiros que atuaram na capital federal durante a pandemia. Os resultados reforçam a necessidade de se acompanhar o trabalho dos jornalistas no pós-pandemia, para entender o contexto desses profissionais, sua rotina de trabalho e o processo de saúde e doença.

Contribuições das autoras

As autoras participaram igualmente na elaboração do texto e aprovaram a versão final apresentada.

Financiamento

Esta pesquisa recebeu financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa do Programa de Iniciação Científica.

Declaração de disponibilidade de dados

Os dados apresentados neste estudo podem ser solicitados ao autor de correspondência.

Conflitos de interesse

As autoras declaram que não há conflito de interesse.

Referências bibliográficas

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2023). *Painel Coronavírus*. Brasília. Recuperado de https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html.
- Cajazeira, P. E. S. L., & Souza, J. J. G. de (2022). O telejornalismo no Cariri Cearense: a rotina de trabalho dos jornalistas no contexto da pandemia da Covid-19 (2020 a 2022). *Comunicação & Informação*, 25, 78–92. <https://doi.org/10.5216/ci.v25.64443>.
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J., Garcia, J. L., Matos, J., Oliveira, M., Martins, P., & Silva, P. A. da. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*. Relatório. Repositorio.ul.pt. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44291>
- Cantanhede, Y. S., & Zanforlin, S. C. (2020). As definições do newsmaking: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito. *Anagrama*, 14(1), 1–16. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2020.164265>
- Carvalho, S. E. (2017). *Contribuições de Pierre Bourdieu para o Campo Jornalístico*.
- Casero-Ripollés, A. (2021). O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios. *Comunicação e Sociedade*, 40, 53–69. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3283](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3283)
- Chaparro, M. C. (2007). *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial.
- Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). (2022). *Previdência e Segurança. Jornalistas vitimados pela Covid-19*. Recuperado de <https://fenaj.org.br/dossie-jornalistas-vitimados-pela-covid-19>.

- Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). (2020). *Pesquisa FIJ: 61,25% dos jornalistas brasileiros têm aumento de ansiedade e estresse com o trabalho na pandemia*. Recuperado de <https://fenaj.org.br/pesquisa-fij-6125-dos-jornalistas-brasileiros-tem-aumento-de-ansiedade-e-estresse-com-o-trabalho-na-pandemia/>.
- Ferraz, L. M. (2020). Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(2), 273-278. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2128>.
- Ferraretto, L. A., & Morgado, F. (2020). *Covid-19 y Comunicación: una guía practica para enfrentar la crisis*. Porto Alegre, Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Figaro, R., Barros, J. V., & Kinoshita, J. (2019). *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. In Anais. Goiânia: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003029161.pdf>
- Figaro, R., Visibeli Barros, J., Marques da Silva, A. F., Rodrigues, N., Kinoshita, J., Moliani, J. A., Acosta Camargo, C., & Oliveira, D. (2021). O trabalho do comunicador durante a pandemia da covid-19. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 19(35), 278-290. Recuperado de <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/678>
- Grohmann, R. (2020). Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, 22(1), 106-122.
- Hohlfeldt, A. (2001). *Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 201-219.
- Hohlfeldt, A. (2008). Os estudos sobre a hipótese de agendamento. *Revista FAMECOS*, 4(7), 42-51. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1997.7.2983>
- Killesse, S., & Machado, M. N. D. M. (2009). *Relações entre o trabalho do jornalista e seu estado geral de saúde*. Encontro Nacional da Abrapso, 15.
- Kreps, G. L., Bonaguro, E. W., & Query Jr, J. L. (2003). The history and development of the field of health communication. *Russian Journal of Communication*, 10, 12-20.
- Kreps, G. L. (2012). Health communication inquiry and health outcomes. *Communication and Society*, 11-22. [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1351](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1351).
- Kreps, G. L., & Maibach, E. W. (2008). Transdisciplinary science: The nexus between communication and public health. *Journal of Communication*, 58(4), 732-748. <https://doi.org/10.1111/j%20.1460-2466.2008.00411.x>.
- Lopes, F., Santos, C. A., Peixinho, A. T., Magalhães, O. E., & Araújo, R. (2021). Covid-19: Uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. *Media and Jornalismo*, 21(39), 57-75. Recuperado de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/105340>.
- Lordêlo, F. S; De Magalhães Porto, C. (2012). Divulgação científica e cultura científica: conceito e aplicabilidade. *Revista Ciência em Extensão*, 8(1), 18-34. Recuperado de https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/515.
- Massarani, L. M., Neves, L. F. F., & Silva, C. M. D. (2021). *Excesso e alta velocidade das informações científicas: impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas*. Recuperado de <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2426>.
- Mheidly, N., & Fares, J. (2020). Health communication in low-income countries: a 60-year bibliometric and thematic analysis. *Journal of Education and Health Promotion*, 9(163), 1-8. https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_384_20.
- Nardi, A. C. F., Soares, R. A. S., Mendonça, A. V. M., & Sousa, M. F. D. (2018). Comunicação em saúde: um estudo do perfil e da estrutura das assessorias de comunicação municipais em 2014-2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 27, p. e2017409. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000200015>.
- Nicoletti, J. (2020). É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas. *Observatório da Imprensa*. 20 de abril. de 2020. Recuperado de <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/e-preciso-falar-sobre-a-saude-mental-dos-jornalistas/>.
- Oliveira-Costa, M. S. de, Fernandes, M. F. M., & Vasconcelos, W. (2022). O recado está dado: a

- COVID-19 e suas repercussões para a comunicação em saúde nas instituições públicas. *Cadernos Ibero-Americanos De Direito Sanitário*, 11(2), 175–182. <https://doi.org/10.17566/ciads.v11i2.923>
- Oliveira, F. (2014). *Jornalismo Científico*. -3. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, Coleção comunicação).
- Oliveira, H., & Gadine, S. (2020). *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*. 1ª edição – Aveiro: Ria Editorial.
- Oliveira, V. C. (2013). Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas impressas. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde* 6(4), 1-14. 10.3395/reciis.v6i4.Sup1.731pt
- Osman, J., Selva, M., & Feinstein, A. (2021). How have journalists been affected psychologically by their coverage of the COVID-19 pandemic? A descriptive study of two international news organisations. *BMJ Open*, 11(7), e045675. Recuperado de <https://bmjopen.bmj.com/content/11/7/e045675>.
- Penteado, R. Z., & Gastaldello, L. M. (2016). Saúde e qualidade de vida de jornalistas: estudo de revisão. *Revista Brasileira em Promoção sa Saúde*, 29(2), 295–304. <https://doi.org/10.5020/18061230.2016.p295>.
- Piñon, D. (2021). Resignificando a relação entre jornalismo e ciência no pós-pandemia. *Academia Brasileira de Ciências*. Recuperado de <https://www.abc.org.br/2021/09/26/pesquisadores-debatem-a-ressignificacao-da-relacao-entre-jornalismo-e-ciencia-no-pos-pandemia>.
- Pitta, A. M. (1995). Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios. In A. M. R. Pitta (org), *Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios* (pp.239- 266). São Paulo, Brasil: Hucitec.
- Perreault, M. F., & Perreault, G. P. (2021). Journalists on COVID-19 journalism: Communication ecology of pandemic reporting. *American Behavioral Scientist*, 65(7), 976-991. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>.
- Salazar de Pablo, G., Vaquerizo-Serrano, J., Catalan, A., Arango, C., Moreno, C., Ferre, F., Shin, J. I., Sullivan, S., Brondino, N., Solmi, M., & Fusar-Poli, P. (2020). Impact of coronavirus syndromes on physical and mental health of health care workers: Systematic review and meta-analysis. *Journal of affective disorders*, 275, 48–57. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.06.022>.
- Santos, A. (2006). *Caderno mídia e saúde pública*. Escola de Saúde Pública/FUNED.
- Schiavo, R. (2013). *Health communication: From theory to practice*. San Francisco: Jossey Bass.
- Siqueira, F., & Monteiro, P. (2020). *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Sousa, V., Costa, P. R., Capoano, E., & Paganotti, I. (2020). Riscos, dilemas e oportunidades: atuação jornalística em tempos de Covid-19. *Estudos em Comunicação*, (31), 1-33. <https://doi.org/10.25768/20.04.03.31.01>.
- Souza Ribeiro Gurgel, A. G., Sá Dutra, A. R. de A., Mesquita, K. de C. S., Ananias, D. V., Ananias, D. V., Lima Barros, M. J., & Monte, C. S. do. (2021). COVID-19 e a atuação da comunicação em saúde: boas práticas em SOBRAL-CE. *Revista de Políticas Públicas*, 20, 109-117. <https://doi.org/10.36925/sanare.v20i0.1512>
- Spink, M., Cordeiro, J., Brigagão, J., & Malinverni, C. (2021). *Covid-19: versões da pandemia nas mídias*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São, E-Book. doi: 10.11606/9786587596136.
- Tabai, B. J., Santos, T. B. D., & Coqueiro, J. M. (2022). Quando não é possível deixar de informar: o processo de trabalho de jornalistas durante a pandemia da Covid-19. *Saúde em Debate*, 46, 93-104. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E106>
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2ª edição.
- Vizeu, A. (2014). *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs.
- Xavier, C. (2006). Mídia e saúde, saúde na mídia. *Caderno mídia e saúde pública*. Belo Horizonte: escola de Saúde Pública/FUNED.